

Reflexões sobre a relação indivíduo x civilização na sociedade atual

Célio Juvenal Costa (UEM)
celio_costa@terra.com.br

RESUMO

Pensar a relação entre indivíduo e civilização é o objetivo maior deste artigo. Parece existir, nessa relação, um conflito básico entre as aspirações individuais e as coerções sociais que existem para enquadrar os indivíduos como seres sociais. Na atual configuração social, o individualismo caminha *pari passu* com a anulação das individualidades acometida pela indústria cultural, a qual passa a “gerir” os gostos, desejos e aspirações de grande parte das pessoas. Para entender este contexto com mais profundidade faz-se uso, aqui, especialmente do pensamento Sigmund Freud, o qual se tornou uma referência necessária para entender a formação do ego em meio a uma civilização que, entre outras coisas, acaba por causar um mal-estar entre o que as pessoas desejam, enquanto indivíduos, e o que elas podem realizar, enquanto seres sociais. Além de Freud, a análise se pautará nas reflexões da Teoria Crítica sobre a indústria cultural e nos pensamentos de Aristóteles e Thomas Hobbes sobre natureza humana e social.

Palavras-chave: Civilização. Educação. Indivíduo. Indústria Cultural.

ABSTRACT

Thinking about the relationship between individual and civilization is the main objective of this article. It exists, in this relationship, a basic conflict between individual aspirations and social casts that exist for fit individuals as social beings. In the current social setting, individualism walks *pari passu* with cancellation of individuals affected by the cultural industry, which happens to “manage” the tastes, desires and aspirations of most people. To understand this context with more depth, use is made here, especially of Sigmund Freud, which became a reference needed to understand the formation of the ego in the midst of a civilisation that, among other things, turns out to cause malaise between what people want, as individuals, and

what they can accomplish, as social beings. In addition to Freud, the analysis is run on the reflections of Critical Theory on the cultural industry and the thoughts of Aristotle and Thomas Hobbes on human and social nature.

Keywords: Civilization. Education. Individual. Cultural industry.

A sociedade capitalista, que se efetiva a partir do século XVIII, produziu inúmeras formas políticas e sociais de regular a vida em sociedade. Em termos políticos, constituições aparentemente contraditórias coexistiram numa mesma forma econômica de produzir a vida e, em alguns momentos, a coexistência tomou a forma de tentativas de restauração do grande império romano. Napoleão, na França do século XIX, Mussolini, na Itália, e Hitler, na Alemanha, no século XX, fizeram guerras em escala praticamente mundial visando implantar macrogovernos liderados por modernos Césares. Como foram, *grosso modo*, realizações políticas e bélicas, essas mesmas armas foram usadas, em conjunto, por outros países contra tais tentativas megalomaniacas, restaurando, de certa forma, a democracia nessas regiões. Aliás, de maneira genérica, a democracia¹ se mostrou e tem se mostrado como a forma política por excelência dos governos capitalistas.

Quando as formas totalitárias tentaram se impor num panorama mundial, dois sentimentos grupais foram característicos: de um lado, o endeusamento do líder (tal qual faziam com os Césares na Roma antiga) e da causa que ele propagava, gerando um sentimento coletivo arraigado nos defensores daquelas formas de governo e o que elas poderiam representar para cada indivíduo; de outro lado, também um sentimento coletivo de aversão mórbida dos líderes revolucionários e a consequente defesa da forma de sociedade que estava sendo colocada em xeque. Esses dois sentimentos coletivos com forte apelo individual podem ser exemplificados no decorrer da segunda guerra mundial, pelos nazistas de um lado, defendendo o mito da raça ariana e, de outro, os americanos, defendendo o ideal do *american way of life*.

O capitalismo, na sua forma política da democracia, produziu, porém, uma forma de controle social que vai muito além de tentativas políticas

¹ Ao fazer tal afirmação não estou qualificando a democracia como melhor ou pior do que qualquer outra forma política de governo, apenas trata-se de uma constatação histórica.

e bélicas de instauração de governos totalitários e de forma muito mais competente que o nazismo e/ou fascismo. Trata-se do controle estabelecido pela indústria cultural criada pela sociedade administrada² que, tal como uma imensa teia, invisível, prende os homens numa determinada forma de ser e de estar neste mundo. O capitalismo, principalmente o da segunda metade do século XX, produziu a reificação do comportamento individualista aliado, numa aparente contradição, a uma subjugação do indivíduo ao coletivo consumista.

Essa característica parece ser contraditória se se tomar como parâmetro a comparação de conceitos destituídos de qualquer significado social. No entanto, essa relação se coaduna perfeitamente com a ideologia burguesa de apelo ao consumismo na medida em que o individualismo não significa emancipação do indivíduo, pois autonomia pressupõe liberdade; mas, sim, um comportamento social que predispõe as pessoas a fazerem parte de uma massa pronta para consumir o que a indústria cultural tem para oferecer. Um comportamento subjugado se define, a rigor, pela reprodução de comportamentos sem a possibilidade de uma intervenção crítica no processo que induz a essa reprodução. O individualismo é, portanto, “irmão univitelino” da subjugação do indivíduo ao coletivo.

É claro que nem todas as pessoas são despossuídas de uma consciência crítica, o que acarreta uma relação não tão pacífica com a ideologia³ burguesa. Porém, a padronização e o conseqüente controle social produzido pela sociedade administrada, por meio da indústria cultural, atingem a grande maioria das pessoas, tornando-se, desta forma, uma ideologia hegemônica.

Esse breve panorama é, obviamente, extremamente parcial, pois requer outros instrumentos de análise que permitam uma apreensão mais abrangente e crítica da questão. No entanto, não é esse o objetivo do presente trabalho, pois nos seus limites práticos procurou-se estabelecer uma espécie de “pano de fundo” para discutir a situação do indivíduo imerso na civilização moderna.

² Indústria Cultural e Sociedade Administrada são conceitos utilizados pela Teoria Crítica (Escola de Frankfurt) para identificar o capitalismo em sua fase monopolista, em que o mercado se estendeu a nível mundial e a produção de mercadorias passou a produzir, também, o gosto dos consumidores (LASTÓRIA, 2004).

³ O conceito de Ideologia aqui é o atribuído por Marx, especialmente no texto *A ideologia alemã*.

Um autor que muito instigou essa reflexão pela forma realista com que trata a questão é Sigmund Freud, o qual, por meio de seus textos *O mal-estar na civilização* e *Psicologia de grupo e análise do ego*, é tomado como referência no desenrolar do trabalho. Além destes textos, far-se-á uso também de *O topos psicológico no interior da Teoria Crítica da Sociedade*, de Luiz A. Calmon Nabuco Lastória, que trabalha especialmente Freud como um dos pilares para se entender a Teoria Crítica.

A formação do indivíduo na sociedade

A psicologia é uma ciência moderna que se preocupou precipuamente em entender o indivíduo, tornando-se, desta forma, uma ciência do particular. Aliás, essa é a maior crítica que recebe, por exemplo, dos filósofos. A psicanálise, mais ainda do que a própria psicologia, se ocupou do indivíduo principalmente em seus níveis patológicos do comportamento e da mente. No entanto, a psicologia social, muito devedora de Freud, passou a se ocupar do indivíduo enquanto um ser social que tem seu comportamento determinado não só por funções genéticas, mas também culturais. Assim, a reflexão que Freud faz do indivíduo e sua relação com a civilização e enquanto membro de um grupo natural ou artificial é deveras importante para se compreenderem os mecanismos sócio-culturais da sociedade moderna. Apesar de continuar sendo uma ciência do particular, em muito a psicologia social contribui para o entendimento do coletivo.

No capítulo II de *O mal-estar na civilização*, Freud estabelece uma síntese entre o que o homem quer de sua vida e o que ele nela enfrenta. O ideal, impulsionado pelo princípio do prazer, enquanto indivíduo, choca-se com a realidade, que é a convivência consigo mesmo e com os outros:

O que pedem eles [os homens] da vida e o que desejam nela realizar? A resposta mal pode provocar dúvidas. Esforçam-se para obter felicidade; querem ser felizes e assim permanecer. Essa empresa apresenta dois aspectos: uma meta positiva e uma meta negativa. Por um lado, visa a uma ausência de sofrimento e de desprazer; por outro, à experiência de intensos sentimentos de prazer. Em seu sentido mais restrito, a palavra 'felicidade' só se relaciona a esses últimos. Em conformidade a essa dicotomia de objetivos, a atividade do homem se

desenvolve em duas direções, segundo busque realizar - de modo geral ou mesmo exclusivamente - um ou outro desses objetivos.

Como vemos, o que decide o propósito da vida é simplesmente o programa do princípio do prazer. ... [no entanto] O sofrimento nos ameaça a partir de três direções: de nosso próprio corpo, condenado à decadência e à dissolução, e que nem mesmo pode dispensar o sofrimento e a ansiedade como sinais de advertência; do mundo externo, que pode voltar-se contra nós com forças de destruição esmagadoras e impiedosas; e, finalmente, de nossos relacionamentos com os outros homens. O sofrimento que provém dessa última fonte talvez nos seja mais penoso do que qualquer outro. Tendemos a encará-lo como uma espécie de acréscimo gratuito, embora ele não possa ser menos faticamente inevitável do que o sofrimento oriundo de outras fontes. (FREUD, 1996a, p. 94-95)

A dicotomia entre o ideal e o real em termos da concretização da felicidade humana é o ponto de partida para a análise freudiana do sentimento que o indivíduo cultiva em meio à sociedade. É necessário frisar que tal pensamento não é original de Freud, pois, como ele mesmo afirma, suas conclusões primeiras não passam de verdades universalmente conhecidas. Pode-se citar dois exemplos de concepções aproximadas sobre o estar-no-mundo humano que também são igualmente realistas: o *homem político* aristotélico e o *homo homini lupus* de Hobbes⁴. Freud, porém, se torna original à medida que encara com profundo realismo a relação do homem com seus semelhantes, estabelecendo uma teoria que, ao descortinar a formação do ego, apresenta elementos que regulam os limites de atuação do próprio ego, ou seja, do indivíduo.

O ego do indivíduo, segundo Freud (1996b), é resultado de uma relação primordial negativa, pois é da impossibilidade de assumir o papel sexual do pai em relação à mãe que a personalidade individual começa a surgir por meio do princípio de identificação. A superação do complexo de Édipo

⁴ Rouanet, citado por Lastória, afirma: “Nessa recusa, Freud se inscreve na tradição dos grandes pessimistas do pensamento burguês - Hobbes, Mandeville, Sade” (2004, p. 142).

original força o indivíduo a entrar nas regras da primeira sociedade que ele encontra, quer seja, a família e, especialmente, a identificação com a figura paterna. A relação com a primeira sociedade já é marcada pelo desconforto entre o ideal inicial e o real que impede, por razões culturais, a substituição da figura paterna. Quando essa primeira insatisfação surge, a personalidade (a mente) do indivíduo é acrescida do superego, que é a introjeção das regras sociais e culturais que delimitam a ação instintiva do homem. A partir daí, a realização da felicidade primitiva que, *grosso modo*, está vinculada à satisfação dos instintos libidinais, encontra-se censurada, o que resulta, por conseguinte, na impossibilidade da realização total dos desejos.

Mas o homem é um ser social. Ele só se torna indivíduo na convivência social que o impele a deixar para trás seus instintos, mesmo gregários. Nesse sentido, a relação primordial negativa acaba por se tornar positiva, tendo em vista que o homem é o único animal que consegue, em nome da convivência social, aceitar regras que concebiam a coletividade como melhor que o indivíduo isolado. O homem, como afirmou Aristóteles (1998, p. 21), é um animal naturalmente civilizado.

A aproximação com Aristóteles aqui é inevitável, pois o Estagirita preconiza que o homem que vive isolado não pode ser considerado homem, e sim um animal selvagem ou uma espécie de Deus. A história da fábula de Antístenes, narrada em *Política*, é bem ilustrativa do que representa a ideia do animal selvagem: certa vez, as lebres foram a uma reunião de leões reivindicar igualdade com eles e encontraram a seguinte resposta: “Sim, claro. Onde estão vossas garras e vossos dentes?” (ARISTÓTELES, 1998, p. 105). Já a referência à deidade é ilustrativa da diferença de vida dos homens e deuses, onde os últimos estariam acima das regras humanas, manipulando-as, se fosse preciso. Em Aristóteles, portanto, o homem só é homem na convivência com seus semelhantes, mesmo que isso signifique renunciar à busca individual de felicidade para o bem de toda a sociedade: “[...] a característica específica do homem em comparação com os outros animais é que somente ele tem o sentimento do bem e do mal, do justo e do injusto e de outras qualidades morais, e é a comunidade de seres com tal sentimento que constitui a família e a cidade” (ARISTÓTELES, 1998, p. 15).

Apesar de se poder considerar positivamente a constituição do indivíduo, isto não representa que a relação do indivíduo com a sociedade seja pacífica, muito pelo contrário, os interesses do indivíduo e da sociedade continuam colidindo, principalmente na modernidade. Para Freud (1996a),

existem dois princípios que regem a história humana: o princípio do prazer (Eros) e o princípio da agressão (Thanatos). Eros representa, por definição, a vida⁵, é o instinto de viver; já Thanatos é o princípio da morte; se Eros é a construção, Thanatos é a destruição. No entanto, a sociedade, ou mais precisamente a civilização, constrói mecanismos de regulação tanto do instinto de prazer como do instinto de destruição; e é exatamente esse controle que faz com que o indivíduo seja absorvido na coletividade, mesmo que essa submissão tome a forma do individualismo.

A civilização não representa, necessariamente, um grau a mais na qualidade de vida da coletividade, na qual os homens concordariam de maneira clara que o que estão perdendo individualmente representa um ganho para o social. Não há essa passividade positivista na história. Muito pelo contrário, para Freud a civilização é exatamente o resultado de uma luta humana e não resultado da interferência do divino:

Agora, penso eu, o significado da evolução da civilização não mais nos é obscuro. Ele deve representar a luta entre Eros e a Morte, entre o instinto de vida e o instinto de destruição, tal como ela se elabora na espécie humana. Nessa luta consiste essencialmente toda a vida e, portanto, a evolução da civilização pode ser simplesmente descrita como a luta da espécie humana pela vida. É essa batalha de gigantes que nossas babás [religiões] tentam apaziguar com sua cantiga de ninar sobre o Céu (FREUD, 1996a, p. 145).

A conciliação de interesses individuais e mesmo os de classes, preconizada pela sociedade administrada, expressa a necessidade ideológica - por parte de quem a domina - de regular a vida em sociedade. Eros e Thanatos são despotencializados em sua “tarefa histórica”. O princípio de prazer e o instinto de destruição são controlados com mais eficácia quando se retira do indivíduo o poder de sua individualidade, quando se esforça para dar a impressão que o indivíduo é livre para escolher o que quer ser, o que quer comprar, onde e em que quer gastar, em quem quer votar etc. Quanto mais a pessoa se sente livre dentro dos limites em que realmente não há liber-

⁵ Na mitologia grega, do Caos primordial saíram a Geia (Terra), o Tártaro (Inferno) e Eros (Amor), sendo que foi Eros que ordenou primeiramente o mundo (BRANDÃO, 1986).

dade, pois são produtos artificiais de quem estabelece o controle social, mais o indivíduo desaparece. A civilização - não concebida como resultado de uma luta e aceita como produto de uma conciliação em que o indivíduo se anula - corre o risco de se tornar a sua antípoda. Como bem salientou Lastória (2004, p. 143): “Civilização e barbárie mostram-se duas faces da mesma moeda”.

No texto *Psicologia de grupo de análise do ego*, Freud explica que na psicologia de grupo existe um outro nível na mente humana, o ideal do ego, que possibilita a identificação no grupo. Ele cita o exemplo do cristianismo, em que todo cristão “ama Cristo como seu ideal e sente-se unido a todos os outros cristãos pelo vínculo da identificação” (FREUD, 1996b, p. 169). Mas é possível estender tal concepção freudiana do ideal do ego para a sociedade administrada que instiga grupos em modelos diferenciados daqueles tidos como naturais, como a família e a igreja? Creio que podemos encontrar uma similitude se se levar em conta os comportamentos regulados pela indústria cultural. A sociedade administrada possibilita a produção de modelos de comportamentos que são acompanhados por milhões de pessoas; esses modelos - atores, cantores, manequins, grifes etc. - acabam se tornando objetos que são colocados no lugar do ideal do ego. Assim, por mais que não se trate de um grupo organizado - como a Igreja - os heróis contemporâneos são idolatrados e até deificados, servindo de modelos comportamentais impulsionando ainda mais o individualismo e, por consequência, a subjugação do indivíduo a um determinado coletivo.

A concepção realista de homem

A compreensão que Freud tem da civilização é, como já se afirmou no início, bastante realista. Tal realismo, que em alguns momentos pode ser confundido com pessimismo para com o futuro da humanidade, tem por base uma determinada concepção de homem e de sociedade. O homem, exatamente por ser constituído a partir de uma frustração original, não pode ser idealizado como um ser bom por natureza e disposto a todo o momento a se solidarizar com os outros⁶.

⁶ As críticas que Freud faz à concepção do amor cristão, como um sentimento que anula a individualidade, é um exemplo de sua divergência ao tipo de homem inspirado no “bom selvagem” rousseauiano.

Nesta questão em particular salta aos olhos do leitor de Freud a semelhança com a concepção de homem e sociedade de Hobbes. Em *O Leviatã*, obra primordial do pensamento burguês emergente, há uma concepção bastante negativa da natureza humana, na qual os homens, no estado natural, encontram-se em guerra de todos contra todos. Se o homem fosse deixado à mercê de sua natureza, a vida em sociedade se tornaria impossível, já que a lei do mais forte, a lei da selva imperaria. O homem é, por natureza, um ser egoísta, é o lobo do próprio homem. A sociedade civil, instituição artificial criada pela maioria que é fraca, é a única solução possível para a coexistência humana, mas isso não significa que, depois do contrato social, o homem se torne um ser bom, amigável e amável. As leis que a sociedade cria definem-se como “mordaças nas bocas selvagens” para que os homens possam se constituir em sociedade. No homem hobbesiano não se encontra o “sentimento oceânico” religioso e muito menos pode-se esperar dele que ame o próximo como a ele mesmo.

A concepção de sociedade de Freud, muito próxima da de Hobbes, também preconiza que a civilização é resultado de um pacto entre os mais fracos para impedir o domínio selvagem dos mais fortes:

A vida humana em comum só se torna possível quando se reúne uma maioria mais forte do que qualquer outro indivíduo isolado e que permanece unida contra todos os indivíduos isolados. O poder dessa comunidade é então estabelecido como ‘direito’, em oposição ao poder do indivíduo, condenado como ‘força bruta’. A substituição do poder do indivíduo pelo poder de uma comunidade constitui o passo decisivo da civilização. (FREUD, 1996a, p. 115)

Um outro aspecto interessante que advém das reflexões de Freud, e em relação ao qual se pode encontrar correlatos tanto em Hobbes como em Aristóteles, é a impossibilidade da formulação de um pensamento utópico. As concepções de homem e de sociedade nesses três autores, por seu realismo ao procurar determinar a concretude da sociedade, são diametralmente opostas a formulações de inspiração platônica, por exemplo. Não é possível vislumbrar uma sociedade perfeitamente organizada quando se trata de uma construção humana, onde a explicação para o seu desenvolvimento é resultado sempre de uma luta entre os próprios homens. Os problemas

que a sociedade produziu não podem ser resolvidos no nível das ideias, de propostas bem-intencionadas ou mesmo por motivações religiosas; os problemas reais, portanto humanos, podem ser resolvidos somente no nível concreto da existência humana e pelos próprios seres imperfeitos e egoístas, que são os homens. Como não há uma natureza humana pré-concebida antes da socialização, é somente no terreno da coletividade que é possível se pensar em mudanças individuais.

Sendo assim, o único terreno possível de onde se pode esperar mudanças é o da realidade concreta, traduzida por sociedade. É desta forma, portanto, que os três autores entendem as possibilidades de mudança que, em síntese, podem ser assim mostradas: Aristóteles, na proposição da redefinição dos papéis sociais em termos políticos; Hobbes, na existência de um poder social que tem a tarefa de zelar, mesmo que à força, pela manutenção da sociedade; e Freud na compreensão de que a sociedade é resultado de uma luta humana, e que, em decorrência dessa luta, há possibilidades de mudanças que beneficiem a maioria.

A civilização e o sentimento de culpa

O palco da luta humana atualmente se traduz como sociedade administrada que, como já foi afirmado, incentiva o individualismo ao mesmo tempo que subjuga o indivíduo. Neste terreno, Freud nos auxilia a entender como o indivíduo se sente frente à civilização ou, em outras palavras, qual a relação do indivíduo com os outros. De princípio, o pai da psicanálise aponta a existência da dicotomia entre o princípio de prazer e o princípio da realidade, onde o homem tem que se adequar dentro dos limites, internos e externos a ele, que impossibilitam a satisfação dos instintos libidinais. Mas como isso se processa, já que o homem dificilmente tem consciência plena de sua própria realidade?

No processo de formação do indivíduo existe a criação do superego, que é introjetado culturalmente no homem. O superego é bem restrito inicialmente, podendo identificar-se até a com o papel que a figura paterna representa, mas depois é mais amplo, é social, é de inspiração geralmente religiosa. O superego é um produto da civilização (aliás, de qualquer civilização) que cumpre um papel importantíssimo no relacionamento social do indivíduo, uma vez que a vigilância e o cerceamento dos instintos libidinais, das pulsões primitivas, não são exercidos por nenhum agente

externo ao homem, pois está dentro dele próprio e, o mais importante, produz o sentimento de culpa, que é talvez a arma mais poderosa que a civilização dispõe para combater o princípio de prazer. O sentimento de culpa é tão implacável e tão arraigado na consciência dos homens que não é preciso nem que o homem cometa algum “sacrilégio social”, basta, para isso, pensá-lo, desejá-lo, que o superego é “ativado” no mesmo instante.

O sentimento de culpa aliado à troca que o homem faz da busca do prazer pela busca da segurança, ou de não sofrer desprazer, acarreta o que Freud concebeu como mal-estar do indivíduo frente à civilização:

Por conseguinte, é bastante concebível que tampouco o sentimento de culpa produzido pela civilização seja percebido como tal, e em grande parte permaneça inconsciente, ou apareça como uma forma de *mal-estar*, uma insatisfação, para a qual as pessoas buscam outras motivações. (FREUD, 1996a, p. 160, com grifos no original)

O sentimento de mal-estar, que diz pouco e muito ao mesmo tempo, torna-se, portanto, uma característica essencial da civilização. Esse sentimento que não pode ser traduzido como consciência crítica da sociedade atual - pelo menos para a grande maioria das pessoas - tornou-se um terreno fecundo para a atuação da indústria cultural. Na tentativa de resolver esse mal-estar, as pessoas saem em busca de alternativas para dar sentido à sua vida e, no encontro desse desejo, a ideologia dominante coloca diante delas inúmeras possibilidades, dentre as quais o consumismo desenfreado pronto para “integrá-las” nas fileiras do individualismo.

Há possibilidade de se pensar diferentemente a relação do indivíduo com a sociedade? Pode-se vislumbrar uma sociedade em que o indivíduo seja resgatado tal qual uma mônada que em si tem sua individualidade respeitada e até instigada? Será possível o homem tomar consciência do real significado do sentimento de mal-estar e poder se livrar do sentimento de culpa que o acompanha desde a formação do seu superego? Não há, em minha opinião, respostas afirmativas e nem negativas para essas perguntas. O processo de análise terapêutica, por exemplo, deve objetivar a construção de um saber, uma compreensão ou autocompreensão sobre o mal-estar do paciente, mas, para isso, precisa dar um novo rumo à culpa, pois ficar com ela o paralisa.

No terreno de luta entre Eros e Thanatos, que é a síntese da civilização, essas questões são ou serão enfrentadas. Tomar consciência de como a realidade é construída/produzida em nossos dias, e quais mecanismos psicológicos e sociais são acionados, é um ponto de partida importante e, nesse sentido, partir de uma concepção humana não idealizada colabora com tal consciência.

Referências

- ARISTÓTELES. **Política**. Brasília: Universidade de Brasília, 1988.
- BRANDÃO, J. DE S. **Mitologia Grega**. Vol. I. Petrópolis: Vozes, 1986.
- FREUD, S. O mal-estar na civilização. IN: **Obras Completas**. Vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996a.
- FREUD, S. Psicologia de grupo e análise do ego. IN: **Obras Completas**. Vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996b.
- HOBBS, T. **Leviatã**. São Paulo: Abril Cultural, 1974. (Coleção Os Pensadores)
- LASTÓRIA, L. A. C. N. . O Topos Psicológico no Interior da Teoria Crítica da Sociedade. In.: ANTÔNIO, A. S. Z.; PUCCI, B.; OLIVEIRA, N. D. R. de. (Org.). **Ensaio frankfurtianos**. São Paulo: Cortez, 2004, p. 137-150.